

A LINGUÍSTICA ECOSSISTÊMICA E OS ESTUDOS LITERÁRIOS: ALGUMAS APROXIMAÇÕES COM BASE NA LITERATURA ORAL EM TIMOR-LESTE

Davi Borges de Albuquerque (NELIM/GEPLÉ)

Resumo: O presente artigo faz uma abordagem ecolinguística, com ênfase na Linguística Ecolinguística, da literatura oral em língua tetun, falada em diferentes regiões de Timor-Leste. Procuramos apresentar algumas relações entre língua e meio ambiente encontradas em diferentes gêneros textuais da literatura oral em língua tetun. Para tanto, discutiremos alguns aspectos teóricos da Linguística Ecolinguística, em (1); descreveremos o Ecolinguístico de Timor-Leste, em (2); apresentaremos os gêneros da literatura em língua tetun, em (3); em seguida, em (4), elaboraremos nossa análise ecolinguística da literatura tetunófono.

Palavras-chave: Ecolinguística. Linguística Ecolinguística. Timor-Leste. Tetun. Literatura oral.

Abstract: The present paper analyzes Tetun language (spoken in different regions of East Timor) oral traditions following an ecolinguistic approach, emphasizing ecosystemic linguistics. We intend to present the relationships between language and environment. These relationships can be found in Tetun oral tradition genres. Thus, we will discuss theoretical aspects of ecosystemic linguistics, in (1); we will describe Timor-Leste linguistic ecosystem, in (2); then, we will present the genres in Tetun language, in (3); finally, in (4), it will be made our ecolinguistic analysis of Tetun oral literature.

Keywords: Ecolinguistics. Ecosystemic Linguistics. Timor-Leste. Tetun. Oral Literature.

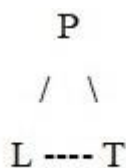
Introdução

A Ecolinguística é definida por Couto (2007) como o estudo das relações entre língua e meio ambiente. Esta definição segue a tradição dos estudos de ecologia linguística, iniciada por Haugen (1972), que definiu a Ecolinguística, de maneira semelhante, como o estudo das interações entre qualquer língua e seu ambiente. Essa disciplina apresentou um grande desenvolvimento teórico nos últimos anos, sendo que apareceram diversos ramos teóricos. Neste texto faremos uso da Linguística Ecolinguística, teoria desenvolvida por Couto (2013, 2015) que enfatiza o ecossistema e as interações dentro dele.

A Linguística Ecolinguística está relacionada com a Ecologia Biológica, que estuda as redes de interações entre os organismos dentro dum ecossistema (ODUM, 1971, p. 8). Já o ecossistema consiste nas interações entre os organismos (os indivíduos) numa determinada área, levando em consideração seu meio ambiente (o mundo). Essas interações podem se dar tanto entre indivíduo-mundo, quanto entre indivíduo-indivíduo.

A Ecolinguística encara a língua como interação, procurando estudar como as interações ocorrem dentro de um ecossistema específico, observando principalmente a tríade língua (L), povo (P) e território (T) que fazem parte de três ecossistemas, a saber: o Ecossistema Natural da Língua, Ecossistema Mental da Língua e o Ecossistema Social da Língua, bem como um Ecossistema Integral da Língua (Fig.1), que une os três ecossistemas linguísticos anteriores (COUTO, 2013, 2015). Ademais, a LE estuda os atos de interação comunicativa, analisando seus aspectos ecológicos e sistêmicos, no contexto da chamada ecologia da interação comunicativa.

Fig. 1 O Ecossistema Integral da Língua (COUTO, 2016, p. 230)

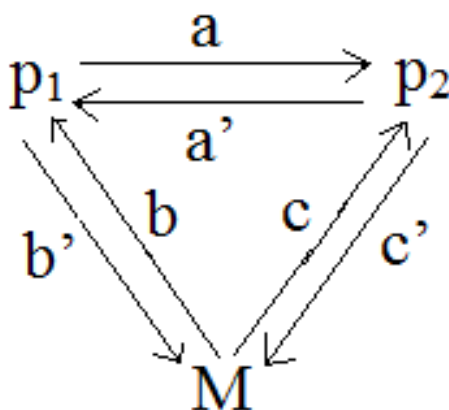


A fig. 1 acima é a representação do ecossistema integral da língua, mas o modelo serve também para representar os demais ecossistemas. Observa-se também que a interação entre o povo

(P) com a língua (L) e o território (T) é direta, porém a relação entre língua (L) e território (T) não é determinante, acontece somente via povo (P), por isso a linha é segmentada.

A LE encara o fenômeno da linguagem como uma série de interações e inter-relações que estão conectadas umas com as outras, fazendo com que o estudo de uma parte separada (um único fenômeno linguístico específico) seja visto como uma abstração que, além de não se relacionar com o objeto de estudo como um todo, não está de acordo com a realidade, que é a língua em uso por seus falantes. A fig. 2 abaixo representa a perspectiva com que o ecolinguista observa as interações que se dão dentro do ecossistema:

Fig. 2 A interação comunicativa (COUTO, 2015, p. 51)



Os indivíduos mínimos necessários para a interação consistem num par, sendo duas pessoas (p₁) e (p₂), sendo o primeiro o falante, enquanto o segundo, o ouvinte. A interação ocorre com o falante fazendo uma solicitação (a) ao ouvinte que a atende (a'), porém para um estudo ecológico da interação comunicativa deve-se levar em consideração também as interações que cada indivíduo tem com o mundo (M), que são distintas para cada pessoa, por isso (b) e (b') para (p₁), já para (p₂) é (c) e (c'). Vale enfatizar que é aqui que ocorrem os processos de significação e referência. A eficácia do processo comunicativo depende da proximidade entre (b) e (c): quanto mais distantes, pior será o entendimento entre os indivíduos. Para finalizar a respeito das interações na Linguística Ecológica, é preciso ressaltar que elas dependem das regras interacionais (uma série de condições sociais, mentais e naturais necessárias para ocorrer a interação) e das regras sistêmicas (que é o sistema ou a gramática, que forma uma das regras interacionais) (COUTO, 2013, 2015, 2016).

ECO-REBEL

No presente artigo, emprega-se a Linguística Ecológica (LE) por diversos motivos, entre eles: essa vertente da Ecolinguística possui relação íntima com a Ecologia Biológica, ou seja, encara a língua, a comunidade e as interações como elementos naturais dentro de um ecossistema; as ideias ecológicas não são utilizadas de maneira metafórica, conforme se infere da afirmação anterior. Digno de nota é que a LE vem ganhando um espaço significativo no Brasil nos últimos anos¹.

Todavia, até o momento não se relacionou a LE com os estudos literários. O que chegou próximo são estudos que tratam de música, dança, folclore ou cantares religiosos, destacando-se Avelar Filho (2015, 2016), que investigou as festas e aspectos folclóricos no interior de Goiás, como a folia da roça e a catira; e Dourado (2017, 2018), que pesquisou as relações entre língua, cultura e os movimentos da capoeira.

Finalmente, não enfatizamos a Ecocrítica por diversos motivos. Sabemos que isso pode causar certo estranhamento no leitor, pensando que a descartamos por completo. Porém, isso não é correto, pois estamos conscientes dos avanços que ela tem experimentado, bem como da validade de suas análises. Os motivos pelos quais optamos por não empregar a Ecocrítica aqui são os apontados por Cohen (2004) e Gifford (2009), quais sejam, a Ecocrítica não possui princípios teóricos básicos fundamentais; tampouco uma metodologia de trabalho bem definida; as práticas dos ecocríticos são, às vezes, radicais demais; a Ecocrítica parece ainda estar limitada a alguns círculos ou países específicos; apesar de ter uma proposta interdisciplinar, os praticantes da Ecocrítica não produzem trabalhos que dialoguem com outras áreas ou profissionais.

Este texto está organizado da seguinte maneira: após esta introdução, descrevemos sucintamente as principais características do Ecossistema Linguístico de Timor-Leste (as línguas, o território e os povos), em (1); depois, apresentaremos algumas informações sobre a literatura de Timor-Leste, em (2); explicamos os gêneros literários existentes em língua Tetun, em (3); enquanto que na seção (4), será conduzida uma breve descrição e análises da literatura oral em língua Tetun, sendo selecionados, traduzidos e comentados alguns exemplares de textos transcritos; em (5), serão feitas as considerações finais.

¹ Sobre uma retrospectiva da Ecolinguística no Brasil na última década, bem como um balanço de seus projetos, resultados e contribuições, ver Araujo (2017) e Couto (2017).

1. O Ecossistema Linguístico de Timor-Leste

Nesta seção serão feitas algumas considerações a respeito dos ecossistemas social, mental e natural de Timor-Leste, por meio da descrição e de informações a respeito das línguas (L), do território (T) e dos povos (P) que lá habitam. Os estudos sobre a Ecolinguística de Timor-Leste em que nos basearemos aqui são os de Albuquerque (2009, 2010b), que apresentou de maneira pioneira informações sobre Timor no contexto da LE, posteriormente, desenvolvidas em Albuquerque (2014, p. 92) e, recentemente, retomadas em Albuquerque (2018a, p. 55).

A República Democrática de Timor-Leste é uma pequena ilha localizada no sudeste asiático. O país conquistou sua independência após uma dominação indonésia que se iniciou em 1975 e estendeu-se até 1999. As línguas oficiais de Timor-Leste, de acordo com a constituição de 2002, são a língua portuguesa e a língua Tetun. Ainda são aceitas a língua inglesa e a indonésia como línguas de trabalho. Há no pequeno território do país (cerca de 14.600 km²), uma grande variedade de línguas nativas, aproximadamente 16, sendo algumas com uma ampla variação dialetal, e pertencentes a diferentes filiações genéticas, a saber, austronésicas e papuásicas.

1.1 As línguas: o elemento (L)

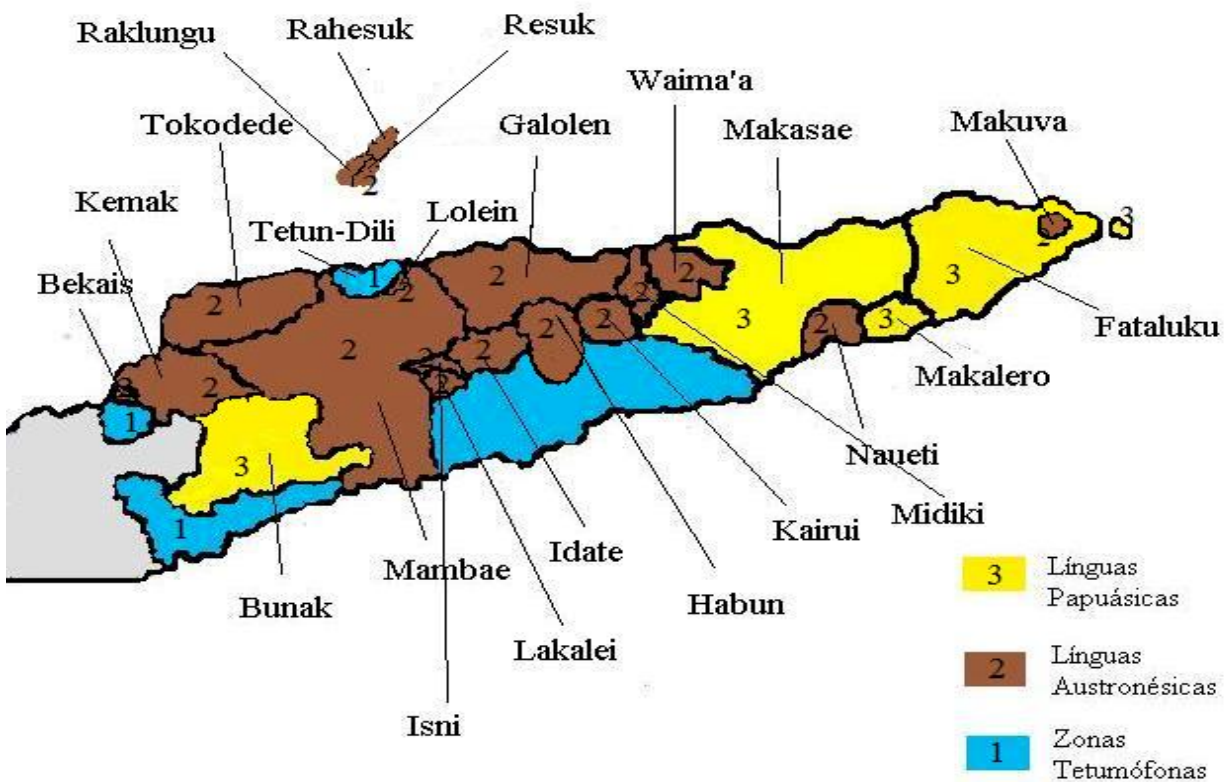
Na proposta de Hull (2001), em que Albuquerque (2010a, 2014) se baseou – e essa proposta também é adotada neste artigo – é lançada a hipótese de que as línguas faladas em Timor-Leste de origem austronésica descendem de um ancestral comum, chamado de Proto-Timórico, num total de 12, sendo o Tetun uma delas.

Em outro trabalho, Hull (2004) analisou as 4 línguas restantes e classificou-as como pertencentes ao agrupamento Trans-Nova-Guiné, afirmando que também elas possuem um ancestral comum, que seria o Proto-Bomberaico, nome dado a uma suposta proto-língua que teve sua origem na península Bomberaica, localizada em Papua-Nova-Guiné.

Há predominância das línguas papuásicas no extremo do território leste-timorense (Mapa 1), destacadas em amarelo, com exceção somente do Bunak, enquanto os demais povos se espalharam pela ilha. A região central de Timor-Leste é predominantemente Manbae, e nas regiões adjacentes são faladas as línguas Tokodede e Kemak, que pertencem à mesma família linguística, e pelo complexo dialetal Idalaka (acrônimo de Idaté-Lakalei). Assim, a configuração atual das línguas nativas de Timor-Leste pelo seu território é complexa, porém pode ser esquematizada de maneira tentativa de acordo com o mapa abaixo:

ECO-REBEL

MAPA 1. Timor Leste e a distribuição das línguas nativas pelo seu território



(Fonte: ALBUQUERQUE, 2011a, p. 66, adaptado)

Em relação ao número de falantes, Timor-Leste apresenta grande discrepância, com um número significativo de línguas ameaçadas. Albuquerque (2009) mostra que entre as línguas mais faladas do país estão o Tetun Prasa, que é falado por mais de 80% da população; o Manbae, que possui cerca de 17% de falantes nativos em uma ampla região localizada no centro do país; o Makasae, 12%, é dominante no distrito de Baucau (ver mapa 2 abaixo para os distritos de Timor-Leste); o Bunak e o Kemak 6,0% cada, em grande parte no distrito de Bobonaro; o Fataluku e o Tokodede 4,0%, falados respectivamente nos distritos de Lautém e Liquiçá (sobre os distritos de Timor-Leste, ver o mapa. 2 mais abaixo). As demais línguas se encontram em um estado ameaçado

ECO-REBEL

por possuírem uma percentagem inferior à mencionada acima, incluindo várias línguas com um número aproximado, ou inferior, a 1.000 falantes, entre elas, Habun, Bekais, Makalero, Isni e Makuva. Finalmente, a língua portuguesa é falada por cerca de 5% da população leste-timorense, o que equivale a aproximadamente 45.000 pessoas (PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO, 2002). O autor extraiu os dados do *Timor-Leste Census of Population and Housing 2004* (NATIONAL BOARD OF STATISTICS, 2006).

Mapa 2.
Distritos de Timor-Leste



(Fonte: http://mapsof.net/uploads/static-maps/timor_leste_districts_map.png)

Tipologicamente, as línguas austronésias de Timor-Leste apresentam inventário fonológico reduzido, bem como morfologia flexional ausente ou também reduzida; na sintaxe as categorias são marcadas apenas pela posição do elemento na sentença. De maneira distinta, as línguas papuásicas apresentam um inventário fonológico maior, bem como uma série de flexões para pessoa, posse e um complexo sistema de demonstrativos e demais dêíticos. As línguas faladas em Timor-Leste ainda permanecem pouco estudadas, até a atualidade há somente os estudos descritivos das seguintes línguas: Manbae, Galolen, Fataluku, Makasae, Makalero e Tetun, enquanto as demais permanecem pouco estudadas ou sem estudo algum.

1.2 O território: o elemento (T)

Em Fox (2000, 2003), há algumas informações sobre o ecossistema natural de Timor-Leste que se caracteriza por um relevo montanhoso, clima de monções e pouca área fértil para a agricultura, que geralmente se localiza nos vales entre as montanhas, pelo fato de acumularem água. A alimentação é a base de arroz (*Oryza sativa L.*) ou milho-miúdo (*Panicum viride L./Setaria italica L.*), dependendo da comunidade e das plantações.

Geologicamente, as ilhas da região chamada de Nusantara Oriental, onde se localiza Timor, fazem parte da grande placa tectônica australiana e são classificadas como ilhas vulcânicas. Porém, o solo de Timor-Leste, de acordo com Fox (2000), é um solo predominantemente barroso, com a presença de alguns materiais rochosos, principalmente rochas metamórficas, sedimentares e vulcânicas. Em relação ao relevo pode-se afirmar que é predominantemente montanhoso, exceto ao longo do litoral onde há uma planície, assim como a presença de banco de corais e recifes, e na região fronteira com a indonésia onde ocorre um planalto e pequenos morros. As montanhas leste-timorenses chegam a atingir mais de 2.000 metros de altitude e são nomeadas conforme a importância social delas dentro da cultura dos diferentes grupos etnolinguísticos leste-timorenses.

O clima de Timor-Leste é de monções, caracterizando-se por longos períodos secos de março a junho e de agosto a novembro. De dezembro a fevereiro e no mês de julho temos os dois períodos em que chegam as monções que trazem chuvas à região. Isso resulta na formação de rios caudalosos nos diversos vales existentes entre os montes e as montanhas.

As únicas áreas férteis do solo leste-timorense são os vales que acumulam água e tornam o solo produtivo para a agricultura. As demais regiões não são próprias para agricultura, mesmo os solos considerados mais produtivos são pouco férteis, possuem somente a predominância de cálcio, enquanto apresentam ausência de outros nutrientes necessários à plantação. Esses fatores limitaram, e continuam limitando, a agricultura de Timor-Leste a um número reduzido de produtos, devido aos poucos nutrientes, o que refletiu na povoação do território e na importância da água e da alimentação na cultura dos grupos etnolinguísticos leste-timorenses.

1.3 O(s) povo(s): o elemento (P)

ECO-REBEL

Sobre o ecossistema mental pouco pode ser dito, até mesmo pelo fato de este ecossistema ser o menos estudado na Ecolinguística, conforme Couto (2013) atesta. Porém, no convívio do presente autor com os leste-timorenses ao coletar dados *in loco* (falaremos mais a respeito disso na seção dedicada à metodologia), percebeu-se que algumas formas de pensar e de se comportar (características do ecossistema mental) dos habitantes de Timor-Leste são influenciadas pela organização social deles, o ecossistema social.

Assim, toda a cosmologia dual influencia a forma de o cidadão leste-timorense pensar, que acaba por enxergar a realidade também com uma visão dualística, com os opostos metafísicos (bem x mal, belo x feio) convivendo em equilíbrio e que se manifestam no plano físico, como homem x mulher, criança x adulto, vida x morte, sexo x casamento, seca x chuva, calor x frio, entre outros. É possível citar a relação com o ecossistema natural também, já que os pares opositivos são naturais na maioria das espécies do reino animal (masculino x feminino), bem como há a presença de aspectos geográficos, como o clima, o tempo etc. Isso faz com que todas as manifestações culturais, como a religião tradicional e seus rituais, a literatura oral e a organização social, apresentem essa concepção diádica do universo.

Desde cedo tal fenômeno já vinha chamando a atenção dos pesquisadores, que se debruçaram sobre os dísticos na literatura oral leste-timorenses nas mais variadas línguas locais. Falaremos dos principais estudos a seguir para o leitor compreender o que afirmamos anteriormente.

2. A literatura oral em Timor-Leste

A literatura oral leste-timorense, além de ter despertado interesse devido a sua estrutura e à questão areal (a mesma estrutura e temática aparecem também nas demais ilhas do arquipélago indonésio), apresenta pistas e reminiscências de estágios anteriores da história dos povos de Timor-Leste, bem como sua mentalidade, comportamento e cultura. Dessa maneira, antropólogos, historiadores, sociólogos, geógrafos, linguistas, entre outros pesquisadores, realizaram várias pesquisas com a literatura oral de Timor-Leste e conseguiram alcançar resultados e descobertas significativos.

As línguas locais leste-timorenses possuem estudos de usos e técnicas tradicionais da língua, como o Tetun, Manbae, Fataluku e Bunak. Para o Manbae. Por exemplo, Traube (1986) e Corte-Real (2000) atestaram por meio da literatura oral dessa língua que a cultura e sociedade

ECO-REBEL

Manbae estão organizadas em torno de dois pilares, que estão refletidos nos usos linguísticos e literários. São eles: *nam ada ni* ‘assuntos do dia’, uma ordenação social relativa a tudo ligado ao sistema de nobreza, e *nan meta ni* ‘assuntos da noite’, uma ordenação social relativa a tudo ligado ao sistema de parentesco. Essa simetria diádica da ordem social dos Manbae está refletida claramente nas narrativas dessa língua por meio de dísticos, estudados extensivamente por Fox (1980, 1988, 2005) na região leste da Indonésia, que abrange a ilha de Timor, e também analisados por Corte-Real (2000). Dentre esses dísticos, os pares mais utilizados na fala Manbae são os seguintes: *an-hine pat* e *an-mane pat* referindo-se a linhagem masculina; *kai nor topó* duas formas de tratamento usados pelo homem para se referir aos seus parentes femininos; *ama nor ana* ‘pai e filho’ par que além de enfatizar a importância da relação entre pai e filho, reflete a unidade entre os velhos e jovens do sexo masculino (CORTE-REAL, 2000, p.34).

Em Berthe (1972), há o registro, transcrição e análises do mito fundador de origem Bunak, chamado de *bei gua*, em que podem ser encontrados o mesmo paralelismo lexical e pares semelhantes por todo o mito, como *gil eme hot*, *gie ama hul* ‘sua mãe sol, seu pai lua’.

Em Gomes (1972), há exemplos desses paralelismos em Makasae e em Fataluku, e é possível observar os pares de maneira semelhante aos analisados para o Manbae, como na narrativa em língua Makasae intitulada *Bada-Lessa*, *Bada-Raku*, *Moro-Kai*, *Meli-Kai* cujo dois dísticos são reproduzidos abaixo:

Ni **gore** gau mau!-Venho ao rei grande!

Ni **rata** gau mau !-Venho ao amo!

(...)

Ani **тели** tina nava!-Eu comi sempre milho !

Ani **ressa** tina nava!-Eu comi sempre arroz! (GOMES, 1972, p. 57)

Digno de nota, é que no trabalho comparativo realizado por Fox (1988) sobre o uso de dísticos e de paralelismos lexicais na fala e na literatura oral dos vários povos do leste da Indonésia, os autores da coletânea chegaram a conclusões de que nessa região o emprego desses recursos é frequente e a estrutura deles nas diversas línguas é muito similar.

Em Fox (2005), o autor encontrou pares lexicais da tradição oral das línguas Kemak e Bunak que possuem diversas similaridades com as tradições orais das línguas austronésias vizinhas à ilha de Timor, principalmente da região do sudoeste de Maluku.

ECO-REBEL

Esse paralelismo lexical geralmente é usado como jargões ou provérbios na fala cotidiana, como o caso da língua Manbae e Makasae, ou são pares de palavras desconhecidas pelos falantes, que marcam algum traço da narrativa, como o lexema na literatura oral Fataluku *woro-konai* que os falantes não conhecem o significado, mas sabem que marca o fato de uma história do passado está sendo contada (ENGELHOVEN, 2009, p. 335), conforme Engelenhoven (2008) mostra em sua análise para a língua Fataluku².

Em Engelenhoven (2010b), o autor faz uma análise quantitativa da frequência em que aparecem os pares nas narrativas em Fataluku, assim como realiza uma comparação com línguas faladas nas ilhas vizinhas a Timor, principalmente as línguas Leti e Rotinês, percebendo muitas semelhanças no emprego dos mesmos pares lexicais, como: *tupuru, nami* ‘mulher, homem’, *nalu, palu* ‘mãe, pai’, *uru, vacu* ‘lua, sol’, entre outros.

A literatura leste-timorense em língua portuguesa também vem despertando interesse dos pesquisadores, porém só em tempos recentes. Podemos destacar as publicações mais importantes, como a de Barbosa (2013), tese de doutoramento em que a autora comenta e analisa os principais livros de autores leste-timorenses que escrevem em português, como Ruy Cinatti e Luís Cardoso; e de Oliveira (2014), que apresenta um panorama dessa literatura.

Recentemente, a revista *Plural Pluriel* dedicou um número aos estudos de Timor-Leste, com o tema *Cultures du Timor-Oriental: processus d’objectification* (Culturas de Timor-Leste: processos de objetificação), destacando-se os artigos de Albuquerque (2018b) em que analisa aspectos ecológicos e linguísticos das interações interculturais em Timor-Leste; Gonzalez (2018) em que a autora apresenta uma nova proposta para analisar a literatura leste-timorense por meio das redes e do pensamento rizomático; e Paulino e Borges (2018), sobre a literatura oral de Timor-Leste, os *maubere* e os discursos sobre a formação da nação.

Apesar do que foi dito, o estudo da tradição oral tetunófona ainda apresenta vários obstáculos. Os dois principais são: a escassez de registros da literatura oral, que foram de autoria de diversos estudiosos e publicadas as traduções em diferentes línguas e em diferentes países, porém nenhum deles era Timor-Leste; e as dificuldades surgidas no processo de coleta de dados.

² Conforme Engelenhoven (2010a, p. 178) atesta, há vários outros exemplos de língua ritual em Timor-Leste, como as línguas rituais dos povos falantes das línguas Makasae e Fataluku presentes em Gomes (1972). Porém, de maneira distinta à língua Makuva e à literatura oral dessas línguas, as línguas rituais desses povos são apenas a própria língua alterada artificialmente, como um *constructo* para preservar identidade do povo e de seus rituais, com alguns lexemas inseridos, sendo alguns inventados e outros arcaísmos de línguas vizinhas, fazendo com que nenhum desses lexemas seja reconhecido seus significados.

ECO-REBEL

A primeira coletânea de textos foi compilada por Mathijsen (1915), publicada na Holanda e traduzido para Holandês; Sá (1961) publicou uma coletânea de narrativas em Tetun, em Portugal. Essa obra destaca-se por apresentar, além das traduções em língua portuguesa, um amplo conjunto de notas e comentários às narrativas, juntamente com glosas tentativas por parte do compilador. Bartkowiak (1979) publicou também um conjunto de narrativas da literatura oral tetunófona traduzidos para a língua inglesa, porém o local de publicação foi a Ilha de Flores, atual território indonésio. Morris (1984) compilou um conjunto de narrativas e poesias de vários locais de Timor-Leste, não se concentrando somente na tradição tetunófona, publicado-as nos Estados Unidos e traduzidas para o inglês. Seran (1986) realizou a compilação de gêneros poéticos da tradição oral em língua Tetun, essa obra foi publicada na Indonésia, assim como os textos foram traduzidos para o *bahasa indonesia*. O Mary McKillop Institute of East Timorese Studies organização com objetivos de alfabetizar e formar professores em Tetun, sediada em Sydney, Austrália, nos últimos anos vem publicando vários livretos das narrativas tetunófonas, a maioria deles monolíngue, porém há uma pequena coleção das narrativas traduzidas para língua inglesa, que chegam a pouco mais de dez títulos. Somadas todas as publicações do Mary McKillop Institute of East Timorese Studies, elas alcançam um número superior a 100, entre histórias da tradição oral tetunófona, manuais didáticos e para professores, assim como dicionários. Os temas abordados nessas histórias publicadas são: as narrativas que envolvem o surgimento da ilha de Timor, como *lafaek nebé fan ba rai timor* ‘o crocodilo que virou timor’; elementos da cultura imaterial leste-timorense como o culto ao crocodilo, em *lafaek toba* ‘o crocodilo dormindo’; e várias outras narrativas que são muito comuns e possuem a estrutura de fábulas, como *falur ho nehek ida* ‘o golfinho e uma formiga’, *laho ho busa* ‘o rato e o gato’ e *manduku ho lenuk ida* ‘o sapo e uma tartaruga’.

O segundo problema que surge é em relação à coleta de dados. Há certa resistência por parte da comunidade em relação ao pesquisador; há também relutância ou proibição por parte do líder do ritual (orador, curandeiro, entre outros). A tradição oral em si está se perdendo por causa da urbanização e da cristianização, e os reflexos dessa cultura cristã e urbanizada já podem ser vistos atualmente em várias narrativas. Outro fator que dificulta a pesquisa é o fato de muitos estilos literários orais leste-timorense serem realizados apenas em ocasiões específicas, como o falecimento de um chefe, uma data de importância cultural (como épocas de semeadura e colheita), entre outras.

ECO-REBEL

Em Klinken (2000), ao analisar as tradições orais tetunófonas, faz um levantamento das dificuldades possíveis de serem encontradas na coleta de dados, que retomamos a seguir: nos centros urbanos do país, como a capital Dili (ver mapa. 2), e alguns distritos mais urbanizados, como Manatuto, as tradições orais se perderam quase por completo pelos fatores de estarem ligadas ao atraso e a culturas rurais, que são vistas de maneira pejorativa, e pela cristianização que a população leste-timorense vem sofrendo desde a chegada dos portugueses no século XVI. Conforme será visto na seção seguinte, a tradição oral tetunófona documentada está repleta de elementos lusófonos e cristãos com narrativas a respeito da chegada dos portugueses e dos missionários, sobre os poderes dos padres, punições divinas, e em alguns casos até o repúdio ao animismo que sempre foi praticado pelos povos leste-timorenses (SÁ, 1961).

Quando estava fazendo pesquisa de campo em Timor-Leste, perguntamos aos informantes, residentes na capital do país, Dili, se eles poderiam contar alguma história da tradição oral de suas línguas. Obtivemos duas respostas distintas:

- Um grupo nos informou que não conhecia nada da tradição oral, pois eram naturais da capital, área urbanizada, e que o ato de contar histórias e/ou conhecê-las era típico de pessoas “atrasadas” que eram dos distritos de fora da capital;
- Outro grupo respondeu que conhecia pouca coisa das narrativas tradicionais, e não saberia contá-las de maneira adequada; somente quem sabe contar as narrativas tradicionais de maneira correta são os *lian-nain* ‘contador de histórias, orador’.

Digno de nota é que os informantes leste-timorenses narraram algumas histórias com muita relutância, após grande insistência do presente autor, pois mesmo conhecendo várias histórias, continuavam insistindo nas afirmações de que apesar de saber algo delas, não as conheciam ou sabiam contá-las corretamente. Enquanto contavam algumas histórias, revelavam insegurança, interrompendo a narração esporadicamente para reiterar que as estavam narrando de maneira inadequada.

Uma situação semelhante foi descrita por Traube (1986, p. xi). A antropóloga inicialmente optou por realizar sua pesquisa de campo em Laleia, distrito de Manatuto, a respeito dos rituais tradicionais do povo falante de Galolen. Este grupo etnolinguístico acabou por afirmar à pesquisadora que eram “aculturados”, católicos praticantes, falantes de português e que há tempos descartaram esse tipo de tradição. Ela encontraria somente alguns velhos pertencentes ao povo

Galolen, que residiam em regiões isoladas, que provavelmente saberiam algo sobre esses ritos antigos. Assim, a autora partiu para Aileu com o intuito de realizar sua pesquisa com os Manbae, outro grupo etnolinguístico leste-timoreense, que mantém várias tradições ritualísticas até a atualidade.

Com o que foi narrado acima, verifica-se também que na sociedade leste-timoreense a importância de separar povos mais urbanizados daqueles tradicionais é tamanha que apresenta reflexos linguísticos e literários importantes. Há vários lexemas para se referir aos povos tradicionais, assim como separar um do outro. Entre eles temos: o lexema *kaladi* ‘habitante nativo da parte ocidental de Timor-Leste’ também possui um significado pejorativo sendo usado para se referir aos povos tradicionais como ‘atrasados’, esse lexema é empregado em várias línguas; o mesmo é válido para o empréstimo lusófono *atraxadu* ‘retrógrado, campestre, rural’ que também é falado pelos habitantes leste-timoreenses; na língua Manbae, há o lexema *kair* ‘plantar, semear’ que recebe um sufixo nominalizador *kair-a* ‘aquele que trabalha no campo’, significando também ‘caipira’.

3. Os gêneros literários em língua Tetun

A respeito da classificação dos gêneros textuais tetunófonos, foco do presente estudo, há ligeira diferença nos poucos estudos que analisaram as tradições orais em Tetun. Klinken (2000) analisa as tradições orais tetunófonas focando na forma e nas estruturas linguísticas típicas de cada uma delas. Therik (2004) é um estudo exaustivo das sociedades matrilineares tetunófonas através da tradição oral e permanece como o mais completo até a atualidade. Gomes (2007) analisa a estrutura literária de vários contos tradicionais, assim como sua importância didático-formativa para a sociedade leste-timoreense.

Dos principais trabalhos sobre a tradição oral tetunófona, citados anteriormente, pode-se identificar três gêneros textuais, *hamulak*, *ai knananuk* e *ai knanoik*. A seguir, eles serão classificados brevemente, de acordo com sua forma linguística e sua função social.

- *hamulak*: oração narrativa em versos, o *hamulak* é usado somente em cerimônias ritualísticas, como inauguração da *uma lulik* ‘casa sagrada’, abertura de *to’os foun* ‘horta nova’, nas saudações de chefes *hase liurai* ‘saudação ao nobre’ e nos enterros destes

ECO-REBEL

mesmos chefes leste-timorenses, chamados *hakoi mate* ‘funeral de nobre’. Os versos se utilizam de paralelismos, que consistem no fato de o segundo verso, ou segunda parte do verso, ser uma repetição do verso anterior, ou da primeira parte, com ligeira modificação somente de um elemento na segunda parte, o que faz com que existam diversos pares poéticos. Os versos *hamulak* também se utilizam de um léxico próprio, com uma série de palavras não usadas no dia a dia, sendo até alguns desses lexemas pouco usados ininteligíveis aos falantes tetunófonos. Segue um exemplo abaixo (GOMES, 2007, p.51):

1. na'i lakan oan, na'i roman oan
o dono do brilho, o senhor da luz
ne'e leten ba, ne'e aas ba
está nas alturas, está no lugar mais alto,
ne'e nu wirun ba, bua wirun ba
está em cima do coqueiro, em cima da arequeira,
nu diki meak, bua diki meak
está na ponta do coqueiro, no topo da arequeira
lolo liman la to'o, bi'i ain la daer
estender a mão não chega, erguer os pés não chega
lesu nakore, biru nakasuk
o *lesu* desaperta-se, o *biru*³ caiu para trás,
temi la to'o, kaer la kona
não é capaz de dizer, não é capaz de pegar.

- *ai knananuk* ~ (*ai*) *kananuk*: poesia oral que é usada em festas tradicionais, ou seja, eventos sociais que possuem certa importância cultural, como noivado, cortejo, reza, ato de cozinhar, dar boas-vindas a convidados importantes. Os *ai knananuk* podem ser entoados juntamente com o *hamulak* se coincidirem a festa e a cerimônia tradicionais e juntamente com os *ai knanoik* quando estes versam sobre o mesmo tema. Ainda, os *ai knananuk* também apresentam os paralelismos, já comentados anteriormente, e um léxico pouco usado (KLINKEN, 2000):

2. ama o sei fihi, fihi heek baa.

³ *Lesu* e *biru* são vestimentas tradicionais leste-timorenses. O *lesu* consiste em um pano para amarrar na cabeça. Enquanto o *biru* é uma fita, geralmente ornamentada, para segurar o *lesu*.

ECO-REBEL

Paizinho, se você ainda me rejeita, que assim seja!
fihí mola fetó ma'ak tuur niti hasaraek kmurak.
Você rejeita uma mulher que é trabalhadora no tear.

- *ai knanoik* ~ (*ai*) *kanoik*: contos populares que versam sobre os mais diversos temas, como: mitos de origem, de nobres e de eventos passados, histórias com fins de entretenimento e fábulas com fins educativos. Diferente do *hamulak* e do *ai knananuk* não possuem restrição em relação ao momento de ser entoado, ou seja, não possuem função ritualística. Ainda, os *ai knanoik* são em forma narrativa e se utilizam da linguagem popular, assim não é contado em nenhum registro especial de língua e nem se utiliza de recursos estilísticos idiossincráticos.

4. Língua e meio ambiente nas narrativas Tetun (*ai-knanoik*)

Após explicarmos os gêneros da literatura oral em língua Tetun, conduziremos nesta seção nossa análise. Porém, antes de iniciarmos a análise propriamente dita, em 5.2, apresentaremos algumas palavras sobre os critérios que adotamos para escolher os exemplos de narrativas a ser estudados. Tais critérios são expostos a seguir, em 5.1.

4.1 A seleção da literatura oral *ai knanoik*

Para analisar as relações entre língua e meio ambiente em Tetun, utilizar-me-ei somente dos contos populares tetunófonos chamados de *ai knanoik* pelo fato de muitos deles estarem bem documentados e analisados linguisticamente com traduções, glosas e notas, por Sá (1961). Gomes (2007) apresenta uma série de *ai knanoik*, juntamente com transcrições, traduções e propostas de interpretação, que também serão utilizadas no presente artigo.

A análise desta seção enfocará o como as limitações do meio ambiente leste-timorense (ausência de chuva, predominância de solo impróprio à agricultura, influência do relevo) se refletem nas manifestações linguístico-literárias, especificamente nos *ai knanoik* em língua Tetun.

Foram selecionados trechos dos seguintes *ai knanoik*: *Manumatadador*, *Buibabukulasak* – ambos são antropônimos tetunófonos – *lekrauk no laho* ‘o macaco e o rato’, *lekrauk ho lafaek* ‘o macaco e o crocodilo’ e *asu ho lekrauk* ‘o cachorro e o macaco’. A apresentação está organizada da forma a seguir: primeiramente um resumo do *ai knanoik* seguido do título, depois estão transcritas em Tetun as passagens utilizadas, e, por último, a tradução livre.

4.2 Análise ecolinguística dos *ai knanoik*

Nossa análise terá como foco a influência dos ecossistemas natural, mental e social da língua na literatura oral e na visão de mundo existentes nessas narrativas, ou seja, as relações entre esses três ecossistemas, englobados no ecossistema integral da língua, e todos eles no ecossistema cultural da língua. A literatura oral e a visão de mundo citadas estão inseridas nesse ecossistema cultural.

Começando pela influência do ecossistema natural da língua na literatura oral, é possível afirmar que por causa da escassez e das limitações ambientais na ilha de Timor, alimentação e água são consideradas sagradas e de fundamental. Por isso, na literatura tetunófona com muita frequência temos vilões roubando comida, ou criando situações de maneira astuta para de alguma maneira se beneficiar do protagonista. Geralmente esses benefícios envolvem a alimentação, as hortas já plantadas, ou casamentos. No final dos contos populares (*ai knanoik*) há sempre a punição desse vilão, sendo desmascarado, banido ou morto. O mesmo acontece na sociedade rural leste-timorense, que pune o roubo severamente, já que o objetivo é de ajuda e divisão recíproca nos períodos de cultivo e colheita dentro do *knua* ‘vilarejo’.

No ecossistema mental e social, destaca-se a natureza animista, pois os povos de Timor-Leste realizam cerimônias ritualísticas para marcar a época da sementeira, assim como para a colheita. Nessas cerimônias, como foi comentado anteriormente, ocorre a entoação dos *hamulaks* e, se coincidir com alguma data festiva, são entoados também os *ai knananuk*. Há sacrifício de animais, períodos de reclusão, uso de vestimenta tradicional, entre outras características, conforme pode ser visto na pesquisa de Araújo (2010), que estuda o ritual *ai-hulun*, de origem Manbae, mas que apresenta uma série de traços culturais que são comuns entre vários povos leste-timorenses.

O primeiro *ai knanoik* a ser analisado, intitulado *Manumatadador*, conta a história dos gêmeos Koli, do sexo masculino, e Sawak, do sexo feminino, que são separados de sua mãe, Buik Ikun, ao nascerem, por causa da inveja das seis irmãs dela. Eles são trocados por dois cachorros e

passam a ser criados por uma cadela na floresta. Após sobreviverem, novamente suas seis tias tentam matá-los envenenando suas comidas. A cadela que cuidou de Koli e Sawak come a comida envenenada para salvá-los e morre. Desesperados e famintos Koli e Sawak partem a procura de comida, quando roubam comida de uma horta que acabam por descobrir que pertence a seu pai. Finalmente, surge *Manumatadador*, um galo mítico que narra os acontecimentos verdadeiros ao pai de Koli e Sawak, que retornam a sua família de origem nobre.

No parágrafo abaixo, está reproduzido o momento que Koli e Sawak partem famintos e roubam comida de uma horta alheia:

3. *Manumatadador*

Iha dalan klaran Sawak hili tiha kakaluk ida, nia laran iha kaleik ida ho babiduk halo ho osa mean. Sira rua la'o-la'o sai tan ona to'os ida, sira rua tama ba hasoru los katuas ho ferik ida iha to'os laran. Ferik ho katuas laran haksolok tebes tanba sira ruaoan la iha. Hahuu loron ne'e kedas Sawak ho Koli hela hamutuk ho katuas ho ferik ne'e. Loro-loron Sawak haruka Koli ba halimar kaleik ho babiduk ho labarik oan seluk iha liurai uman. Liurai ne?e oalaek, tan ne'e mak nia hakarak atu haree labarik oan sira halimar, hodi halo nia matan labele dukur. Loron ida Koli nia kaleik tama liu tiha liurai ne'e nia kakaluk laran.

Manumatadador (tradução)

No caminho, Sawak apanhou um *kakaluk* que continha um *babiduk* e um *kaleik* de ouro. Os dois encontraram um quintal cheio de frutas, e Sawak cortou um ramo de banana madura para se alimentarem. Ao comerem as frutas, os dois choravam, dizendo: “agora estamos comendo, mas se fôssemos apanhados pelo dono morreríamos”. Ao ouvir o choro das duas crianças, a avó, que era a dona do quintal, vendo-as se aproximarem, ficou muito contente, porque tanto ela como o marido não tinham filhos.

Nesta parte de *Manumatadador* é possível perceber nas crianças o medo e o arrependimento de estarem roubando frutas da horta de outrem. Conforme já afirmado, a escassez de alimentação e a importância da colheita se manifestam no ecossistema cultural, ou seja, aspectos do ecossistema natural se relacionam com no ecossistema social, pois, na língua Tetun, há vários lexemas para se referir aos diferentes rituais utilizados para proteger a colheita, bem como os sentimentos ruins em relação ao roubo de comida. *Tara bandu*, por exemplo, consiste no ritual de pendurar na maior árvore um item, geralmente o primeiro fruto da colheita, avisando assim que está proibido colher qualquer fruto da área demarcada. Os cidadãos leste-timorenses acreditam que quem rouba este tipo de fruto, chamado de *horok*, que está protegido magicamente, fica amaldiçoado. Há os lexemas *kakaluk* que significam tanto uma ‘bolsa, sacola’ de artesanato tradicional quanto qualquer tipo de ‘amuleto, objeto mágico’ que protege aquele que o usa. *Babiduk* e *kaleik* são dois brinquedos tradicionais, sendo o segundo feito de ouro para identificar a ascensão nobre das crianças.

ECO-REBEL

O segundo *ai knanoik* a ser analisado, *Buibabukulasak*, narra a história da filha de Kehi Liurai, chamada de Sawak, mesmo nome da criança de *Manumatadador*, e de sua escrava, que se chama Buibabukulasak. Sawak insistiu diante de seu pai para poder ir à horta junto com Buibabukulasak. O pai não queria, mas acabou deixando a filha ir. Durante o dia de trabalho na horta e da caminhada de volta para casa, Buibabukulasak esvaziou duas vezes as reservas de comida, assim como criou uma situação para ambas chegarem a outro reino com Sawak como escrava. Assim, Buibabukulasak disfarçada de princesa casa-se com o príncipe do outro reino. Este espera por um bebê que nunca nasce e Buibabukulasak vira uma grávida que não para de comer. Ao final do conto, Sawak revela o segredo de Buibabukulasak: ela era sua escrava e nem estava grávida; escondia a comida e outros objetos na barriga. Aqui novamente percebemos a importância da alimentação e como a fartura desta está ligada à riqueza e nobreza.

A seguir está o início do conto Buibabukulasak, que enfoca a diferença do comportamento dos nobres e serviçais. Sawak acaba por ser punida por querer fazer atividades da escrava, assim como a escrava, que não é de confiança, acaba por se aproveitar de toda a situação, iniciando na primeira oportunidade a roubar a comida de Sawak.

4. *Buibabukulasak*

Kehi Liurai ho oan feto ida naran Sawak, hela hamutuk ho sira atan ida naran Buibabukulasak (BBL). Loro-loron BBL ba hein manu liin iha natar. Loron ida Sawak husu nia aman atu tuir BBL ba natar, maibee nia aman la husik. Sawak tanis atu ba hodi nia kbiit rasik. Tan ne 'e mak nia aman haruka ema halo nia bukae, etu ho na ?an tau iha tanasak ida halo sira lori. To 'o natar etu ho na ?an ne ?e BBL han hotu tiha, nia la foo Sawak. To 'o loro manas Sawak hamlaha ona, BBL fila fali ba sira uman, hola tan etu ho na 'an, hodi to 'o dalan nia loke tanasak han hotu tiha hahaan sira ne 'e. Hafaoin tau fali tiha karau ten ho hili tiha samodo maten ida tau tan tiha ba laran, hodi liu ba foo Sawak.

Buibabukulasak (tradução)

Kehi Liurai morava com a filha, chamada Sawak, e uma serva, chamada Buibabukulasak (BBL). Todos os dias, ela ia ao campo de arroz para enxotar as aves. Certo dia, Sawak pediu ao pai para ir com BBL ao campo de arroz, mas o pai não deixou. A menina chorava e o pai acabou deixando-a ir com BBL. Ele mandou preparar comida, enchendo um *tanasak* de carne e arroz. No meio do caminho, BBL comeu toda a comida que levava. Na hora do almoço Sawak estava cheia de fome. BBL voltou para casa e pediu mais comida, dizendo ao pai que Sawak queria mais. Outra vez o pai mandou preparar comida, como já tinha feito. No meio do caminho, BBL comeu de novo tudo, e encheu o *tanasak* com excremento de búfalo e uma cobra morta que apanhou, tapando o *tanasak* e levando-o para Sawak. Ao ver BBL, Sawak ficou encantada, porque tinha muita fome e julgava que havia arroz e carne dentro de *tanasak*. Afinal, o que existia era uma cobra morta e excremento de búfalo. Sawak começou a chorar, mas BBL não ligou.

Na sociedade leste-timorense, ainda se preserva resquícios da organização social pré-colonial, que era dividida em pequenos reinos. Nesses reinos, a divisão entre nobres e serviçais era fundamental, assim as repercussões linguísticas dessa divisão também estão presentes em Tetun.

ECO-REBEL

Apesar da divisão em classes ou castas ser comum nas sociedades do mundo, a organização entre rei, nobres e serviçais em Timor-Leste sustentam-se devido principalmente a um sistema de crenças que pode ser estudado como fazendo parte do ecossistema mental da língua (as divisões diádicas e quaternárias) com repercussões no ecossistema social da língua (as crenças do ecossistema mental viram regras de convívio e práticas ritualísticas). Desta maneira, em Tetun há exemplos como: o lexema *liurai* significa ‘rei’, enquanto há *datoo* ‘nobre’, que são nobres, mas abaixo do *liurai*. O próprio nome do pai de Sawak, Kehi Liurai, indica sua ascendência nobre. Finalmente, *ata* ‘servo, escravo’ é o lexema usado para os serviçais. O cidadão comum deve usar uma forma de registro diferente da língua Tetun para se referir ao *liurai*, conforme Thomaz (2002, p.115) analisou. O *liurai* não ‘come’ *han*, mas ‘toma’ *hola* ou ‘consome’ *hamalak*; ele também não ‘diz’ *hateten*, mas deixa ‘cair a palavra’ *hatun lia*. Pensando em sua posição superior, o *ata* ‘servo, escravo’ não fala ao *liurai*, mas ‘eleva a palavra’ *hasa’e lia* a ele.

Assim, Sawak recebeu sua punição por querer realizar o trabalho no lugar do serviçal, no campo de arroz. Como já foi mencionado anteriormente, *to’os* ‘horta, roça’ está presente na literatura leste-timorense por ser fundamental na plantação e na alimentação, especialmente o campo de arroz, que é a base da alimentação em Timor-Leste. Essa importância reflete-se em Tetun, já que o campo de arroz possui uma denominação própria, sendo chamado de *natar*, da mesma maneira o pássaro que destrói a *natar* ‘plantação de arroz’ é chamado de *manu liin*, e o arroz é classificado no léxico tetunófono de acordo com sua funcionalidade: *etu* ‘arroz cozido’, *foos* ‘arroz descascado, mas não cozido’, *hare* ‘arroz não descascado, planta do arroz’. Para finalizar, o *tanasak* é um recipiente cilíndrico para guardar comida a ser usada em longas viagens.

Os três *ai knanoik* que seguirão abaixo, *lekrauk no laho* ‘o macaco e o rato’, *lekrauk ho lafaek* ‘o macaco e o crocodilo’ e *asu ho lekrauk* ‘o cachorro e o macaco’, são contos populares que possuem grosso modo semelhanças com a fábula e a figura central em todos eles é a do *lekrauk* ‘macaco’. A simbologia e características humanas inseridas nos animais, ou seja, os valores que cada cultura dá a eles é variável. Essa relação da percepção humana a respeito dos animais é um exemplo marcante da interseção entre os ecossistemas natural e mental. Os animais e seus comportamentos no meio ambiente pertencem ao ecossistema natural e os seres humanos atribuindo valores a eles são características do ecossistema mental, com alguns reflexos do ecossistema social também. Seguem alguns exemplos específicos do ecossistema cultural leste-timorense:

ECO-REBEL

- O macaco é visto como um animal ruim pelo fato de ser um bicho ágil e astuto na arte de roubar e enganar;
- O cachorro, de maneira contrária à cultura ocidental, também é visto como um animal ruim e agressivo, que deve ser afastado do convívio com os humanos;
- O rato é encarado como um animal frágil e inteligente, tanto por causa de sua compleição física, quanto de sua capacidade de entrar e sair de locais, esconder-se etc. Digno de nota é que em nenhum momento este animal é associado a sujeira ou doença na cultura leste-timorense, como é muito comum na cultura ocidental;
- O crocodilo é sagrado na cultura leste-timorense, conforme será explicado posteriormente, assim, são atribuídas características positivas a ele, como força, imponência, justiça (ao se alimentar somente de pessoas ruins), entre outras;
- O galo, outro animal existente na literatura oral tetunófona, apesar de não ser sagrado, é de extrema importância e possui grande status social pelo fato de ser um animal totêmico, símbolo de prosperidade e participante rinhãs, que também são legais e traço da cultura de Timor-Leste.

O que percebemos é que os traços comportamentais do animal em seu meio ambiente ou seus aspectos físicos, sendo todos pertencentes ao ecossistema natural é que são os mais definidores quanto à percepção dos seres humanos, sendo que tal percepção faz parte do ecossistema mental e as repercussões de tais percepções, bem como as práticas que são orientadas a partir delas fazem parte do ecossistema social.

Desta maneira, no primeiro conto, *lekrauk no laho* ‘o macaco e o rato’, o macaco tenta enganar o rato mais de uma vez e acaba sendo punido com a morte com isso. No segundo e terceiro, *lekrauk ho lafaek* ‘o macaco e o crocodilo’ e *asu ho lekrauk* ‘o cachorro e o macaco’, o macaco também engana outros animais, porém eles não são punidos, pois ambas as histórias procuram explicar e justificar o porquê de os outros animais não gostarem do macaco.

5. *Lekrauk no laho*

Loron ida lekrauk ho laho halo belu. Sira na'in rua ba haris iha mota laran ida. Haris hotu tiha sira fila ba sira uman. To'o ema nia to'os laran ida sira haree hudi hun ida tasak hela. Lekirauk hatete ba laho: "ita rua taru se mak bele as'e ba han hudi ne'e". Laho hataan ba nia katak ha'u mak sa'e uluk. Laho sa'e ba, lekirauk dehan ha'u sura to'o sanulu o han hotu hudi ne'e. Laho sa'e nia komesa sura ona. Sura to'o

ECO-REBEL

sanulu laho la konsege han hotu hudi ne'e, tanba nia loke hudi lahatene, tun fali. Lekrauk hamnasa hodi hateten, o lakon buat di'ak ida iha o nia moris ne'e. Lekirauk sa'e fali nia han tiha soe kulit tun ba laho. O han tok di'ak ka lae? Laho koko ba hodi dehan ba lekirauk katak furak loos. Lekirauk han to'o bosu tiha nia tun fali hodi sira la'o nafatin. To'o fali ema nia to'os laran ida laho haree ema sunu hela nia ai tahan iha to'os laran. Laho hatete ba lekrauk:" ita na'in rua taru tan se mak bele subar tama iha ai tahan laran ne'e. Lekrauk hatete ba laho: "agora o mak tama uluk". Laho dehan di'ak. Laho tama tiha, dehan ba lekrauk katak: "ha'u sura to'o sanulu o sunu ahi ba ai tahan ne'e". Laho tama tiha, nia suu hela rai kuak hodi hasees an hosi ahi manas. Rai kuak hotu tiha nia hakilar sai hela ba lekrauk katak: bele sunu ona. Lekrauk sunu tiha, hodi haksoit ba mai los. Nia kontente hanoin katak laho mate ona. Maibee laho halai sai tiha ba li'ur. To'o ahi mate tiha, nia haksoit sai mai. Lekrauk hakfodak los. Laho dehan agora o tama fali. Lekrauk tama liu ai tahan laran, nia sura to'o sanulu laho sunu. Tanba lekrauk lahatene su rai hodi hases an hosi ahi manas, ahi han nia motuk tiha.

O macaco e o rato (tradução)

Era uma vez um macaco e um rato que ficaram amigos. Eles foram tomar banho no rio. Depois do banho, voltaram para casa, seguindo um caminho dentro de uma horta. Ao ver um cacho de bananas maduras, o macaco pensou em comê-las. E disse, então, ao rato: "Vamos apostar quem é mais rápido em comer bananas e tirar as cascas?" O rato foi o primeiro a subir. Enquanto o rato estava subindo, o macaco começou a contar até dez. Mas o rato não conseguiu descascar a banana, e acabou descendo sem comer. O macaco, saltando de um lado para o outro, disse: "Perdeu uma boa oportunidade". Chegou a vez do macaco. Subiu rapidamente e comeu a banana, descascando-a sem problemas e atirando a casca ao seu colega, dizendo: "Experimenta! É bom ou não?". Depois de experimentar a casca, ele foi dizendo: "É saboroso". O macaco comeu tudo, desceu e continuaram a andar. Chegaram, agora, a uma horta cujo dono estava retirando lenha e folhas secas para queimar. Ao ver isto, o rato disse: "Colega! Vamos fazer mais uma aposta. Vamos ver quem é que consegue entrar nessas folhas secas sem ser queimado e sair vivo". O rato foi o primeiro a entrar. Enquanto o macaco contou até dez, o rato cavou um buraco e procurou um jeito de escapar do perigo. Depois de contar até dez, o macaco começou a queimar as folhas secas. Pensava que o rato tinha morrido e dava gargalhadas. Depois de um tempo o rato apareceu vivo. O macaco ficou assustado e disse: "Como é que você conseguiu escapar do fogo?". "Ah! Não custa nada. É só cobrir bem o corpo com as folhas" respondeu o rato. O macaco entrou, e depois de entrar, o rato queimou as folhas. O macaco não conseguiu escapar e acabou morrendo.

Em *lekrauk no laho* 'o macaco e o rato', quem deseja roubar *hudi* 'banana' é o *lekrauk* 'macaco', que acaba por convencer o rato a fazê-lo também. Porém, o *laho* 'rato' não consegue e o macaco engana-o. Assim, segue a história para *to'os* 'horta', que como foi analisado acima, é considerado um local de importância fundamental na sociedade leste-timorense, mas o macaco não respeita e quer realizar brincadeiras que podem prejudicar tanto o colega rato, quanto a plantação e o dono da horta. Desta maneira, ao final o macaco é punido com a morte.

6. *Lekrauk ho Lafaek*

Loron ida beik rawa la?o hela iha mota ida sorin, hodi haree hela mota boot tun hela ba tasi. Nia hanoin hela halo nusa mak bele hakat liu tuir nia maluk sira ba mota sorin. La kaleur lafaek barak mai hale'u lekrauk ne'e atu han nia. Lekrauk fatin ses nian la iha ona, nia hein atu mate de'it ona. Iha maufinu nia laran ne'e lekrauk hanoin hetan nia lia ida hodi hatete lafaek katak: "imi labele han ha'u lai, tanba ha'u hanoin imi barak liu i ha'u mesak ida de'it. Di'ak liu husik ha'u hakat ba sorin lai hodi bolu ha'u nia maluk sira iha mota sorin, atu nune'e imi bele han to'o bosu. Lafaek suri sukat ba mai hodi hatete ba malu: "katak los duni ita barak liu fahe lekirauk ida ne'e la to'o malu di'ak liu haruka nia ba bolu tiha nia maluk sira nebaa ne'e". Nune'e sira simu ona lekrauk nia hanoin ne'e atu bolu lai nia maluk sira iha mota sorin. Maibee lekrauk hatete fali ba lafaek sira ne'e: "há'u hakarak hatene imi na'in hira mak iha mota laran ne'e, entaun

ECO-REBEL

imi tenki forma husi mota ninin ne'e to'o sorin balu atu nune'e ha'u bele sura imi". Lafaek sira komesa forma ona iha mota laran, hanesan lekrauk haruka. Hotu tiha, lekrauk haksoit hosi lafaek ida ba lafaek seluk hodi hakur liu tiha mota sorin. Liu tiha mota sorin lekrauk sira halai liu husik hela lafaek sira hamlaha hela iha mota laran.

O macaco e o crocodilo (tradução)

Era uma vez um macaco que andava na beira do rio. Ele não conseguia seguir os amigos porque a corrente do rio estava forte. Assim, muitos crocodilos cercaram-no e ameaçaram comê-lo. O macaco não tinha muito espaço para escapar e só aguardava a chegada da morte. Ele disse aos crocodilos: “Não me comam, porque eu sou apenas um macaco. A minha carne não chega para todos vocês. Olhem para a outra margem do rio, lá estão muitos macacos. Deixem-me em paz, e eu vou chamar os meus colegas para alimentar vocês”. Os crocodilos aceitaram o pedido do macaco. O macaco mandou-os fazer fila, de um lado ao outro do rio. O macaco começou a saltar sobre eles e a contá-los até ao outro lado do rio. Desse modo, o macaco saiu do rio, deixando os crocodilos com fome lá dentro.

Na cultura leste-timorense, acredita-se que *lafaek* ‘crocodilo’ é o animal que deu origem a ilha de Timor, sendo ilha o corpo de um crocodilo mitológico gigante. Acredita-se também que os antepassados dos timorenses eram crocodilos. Por esses fatores o crocodilo é considerado o animal mais sagrado em toda a região. O *ai knanoik lekrauk ho lafaek* apresenta, em certa medida, um sacrilégio cometido pelo macaco ao enganar o crocodilo, se utilizar dos demais para obter vantagens e deixá-los abandonados com fome. Segundo a cultura popular leste-timorense, o crocodilo somente se alimenta de pessoas ruins, no caso aqui de um animal ruim, como uma forma de punição.

7. *Asu ho Lekirauk*

Hori uluk liu animaal sira di'ak malu hanesan moos ita emar. Loro-loron sira te'in ba han hanesan ita emar. Sira mos halo orariu atu te'in ho suru hakaan ba sira han. Loron ida manu sira mak te'in, loron tuir fali fahi, laho, lekrauk sira te'in hotu. Agora tempu to'o ona asu mak te'in ba sira han. Te'in hotu tiha asu lakohi fahe. Nia haruka fali lekirauk mak fahe, maibee lekirauk lakohi. Nune'e asu hatete ba animal sira seluk katak: "ha'u mak fahe maibee imi keta hamnasa ha'u. Sira hotu hataan katak: "ami la hamnasa". Entaun komesa tur ona hodi fahe hahan ba sira. Haree ba asu ne'e tur sala hela. Sira seluk nonok deit tanba ta'uk asu tata sira, maibee lekrauk sira kili malu hodi hamnasa tan haree asu tur sala. Asu moe ida ne'e duni hotu lekrauk sira sa'e hotu ba ailetan. Tanba na'e mak sira sei odi malu to'o ohin loron.

O cachorro e o macaco (tradução)

Antigamente, os animais se davam, assim como os seres humanos. Eles cozinhavam todos os dias para se alimentarem, como acontecia com o homem. Eles tinham horários para cozinhar. Certo dia, chegou a vez do cachorro. Assim como os outros animais, eles cozinhavam e compartilhavam a comida uns com os outros. O cachorro queria cozinhar, mas não queria compartilhar com os outros animais. Mas, o macaco exigiu que o cachorro o fizesse. O cachorro disse, então: “eu posso compartilhar a comida, mas nenhum de vocês pode rir”. Todos estavam de acordo, e o cachorro sentou no chão. Ao verem o procedimento do cachorro, os outros animais ficaram calados, exceto o macaco, que se começou a dar gargalhadas. O cão ficou furioso. E, por vergonha, expulsou todos os macacos para cima das árvores. Até hoje, cachorros e macacos não se dão bem uns com os outros.

O macaco novamente é representado como um animal maligno que acaba por humilhar *asu* ‘cachorro’. A punição dada aos macacos pelos cachorros é viver no ‘topo das árvores’ *ailetan*.

Assim, o conto *asu ho lekrauk* procura explicar a rivalidade no meio ambiente leste-timorense existente entre cães e macacos, e a condição do macaco viver em cima das árvores. De certa maneira, procura valorizar, na figura do cachorro, o estilo de vida mais rural e mais humilde que vem sendo fruto de preconceitos pelo povo leste-timorense, representado na figura do macaco. Esta posição preconceituosa dos cidadãos leste-timorenses contra o estilo de vida rural e humilde foi apontada anteriormente e pode ser vista claramente neste conto.

Percebe-se que além dos elementos físicos e comportamentais associados aos animais (ecossistema natural) e que são percebidos pelos humanos (ecossistema mental), orientando, assim, suas práticas em relação a eles (ecossistema social), ora maltratando, afastando ou matando os animais considerados malignos ou nocivos (macaco, cachorro), ora exaltando, elogiando ou tratando bem os animais considerados benéficos (crocodilo, rato), que foram reiterados durante esta seção, há também o tema constante da alimentação até mesmo associado aos bichos, colocando algumas questões de sobrevivência, principalmente a obtenção de alimentos, como um ponto central na cultura e visão de mundo leste-timorense, por isso sendo retomada ou repetida na literatura oral e em outras manifestações culturais do país, sendo que estas fazem parte do ecossistema cultural.

5. Considerações finais

Este artigo consiste em uma introdução à análise das narrativas orais tradicionais leste-timorenses, concentrando-se nos contos populares, chamados de *ai knanoik*, em língua Tetun, língua oficial da República Democrática de Timor-Leste, que possui o status de língua franca e é a língua nativa com mais falantes no país.

Como o presente trabalho é pioneiro e de natureza introdutória, existindo somente um similar realizado por Albuquerque (2011b), procurou-se comentar a escassa bibliografia a respeito da literatura oral tetunófona, assim como apontar os principais gêneros orais em língua Tetun, sendo eles *hamulak*, *ai knananuk* e *ai knanoik*. Comentaram-se as dificuldades da realização da coleta de dados em campo desses registros orais.

A análise propriamente dita é reduzida, consistindo de breves comentários a respeito da estrutura, tradução e as relações com os três ecossistemas da língua, sendo focada nos *ai knanoik* em língua Tetun. Foram apontados, assim, de maneira superficial, as relações entre língua e meio

ECO-REBEL

ambiente nessa manifestação literária tetunófona específica. Especificamente, como o solo e o relevo leste-timorense (características do meio ambiente) acabam por limitar a agricultura no país. Isto faz com que a alimentação escassa se torne um bem muito procurado e esteja ligado a uma série de rituais na sociedade leste-timorense. Além disso, o roubo de alimentos é algo constante na literatura oral e deve ser punido exemplarmente.

Finalmente, este artigo procura dar início à análise das narrativas orais leste-timorense, seguindo uma abordagem ecológica. O presente autor está ciente das limitações e defeitos que possam aparecer, especialmente ao se tratar de um trabalho pioneiro. Com isso, estamos cientes de que apresentamos um suporte teórico e uma grande quantidade de dados com o intuito de disponibilizá-los ao leitor. Além disso, por motivo falta de espaço e escassez de referências, nossa análise ficou reduzida, diante da grande quantidade de dados apresentados; tampouco pudemos aprofundar as relações com a LE, que foram apenas mencionadas brevemente. Esperamos, em trabalhos futuros, poder corrigir e preencher os hiatos deste artigo, seguir com análises aprofundadas, que abranjam outros gêneros textuais tetunófonos e instigar outros pesquisadores a se interessar pelo tema tratado aqui.

Referências

ALBUQUERQUE, D. B. Pré-história, história e contato lingüístico em Timor Leste. *Domínios de Linguagem*, v.6, n.2, p. 75-93, 2009.

_____. As línguas de Timor Leste: perspectivas e prospectivas. *Língua e Literatura (USP)*, v. 27, p. 313-335, 2010a.

_____. Elementos para o estudo da ecolinguística de Timor Leste. *Domínios de Linguagem*, v.7, n. 1, p. 21-36, 2010b.

_____. O português de Timor Leste: contribuição para o estudo de uma variedade emergente. *PAPIA (BRASÍLIA)*, v. 21, p. 65-82, 2011a.

_____. Língua e meio ambiente na literatura oral em Tetun, Timor Leste. *Language and Ecology*, v. 3, p. 1-18, 2011b.

_____. O sistema linguístico como sistema ecológico: um estudo da gramática Tetun (Timor-Leste). *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 14, p. 175-194, 2013.

ECO-REBEL

- _____. *A língua portuguesa em Timor-Leste: uma abordagem ecolinguística*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 2014.
- _____. *Ensaio de Ecolinguística teórica e aplicada*. Brasília: ANS Editor, 2018a.
- _____. A Interação Intercultural em Timor-Leste: aspectos linguísticos e ecológicos. *Plural Pluriel*, v. 19, p. 43-61, 2018b.
- ARAÚJO, G. P. 10 anos de ecolinguística no Brasil: percurso de sua afirmação como área dos estudos linguísticos em nosso país. In: COUTO, E. K. N. et al. (org.). *Linguística Ecosistêmica - 10 Anos de Ecolinguística no Brasil*. Campinas-SP: Pontes Editora, 2017. p. 65-82.
- ARAÚJO, V. *Um estudo sobre o rito de tradição oral AI-HULUN e as suas actuais práticas religiosas e mágicas no suco de Mauchiga*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa, 2000.
- AVELAR FILHO, J. N. A folia da roça da região de Formosa (GO). In: COUTO, E. K. N.; ALBUQUERQUE, D. B. (org.). *Linguística Ecosistêmica e Análise do Discurso Ecológica*. Teoria e aplicações. Brasília: Thesaurus, 2015. p. 142-151.
- _____. A linguagem da catira como expressão do acaipiramento no nordeste goiano. *ECO-REBEL – Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, v. 3, p. 114-128, 2016.
- BARBOSA, D. *Roteiro da literatura em Timor-Leste em língua portuguesa*. Tese (Doutorado em Literatura). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- BARTKOWIAK, T. *Gems from the island of Timor*. Ende/Flores: Nusa Indah, 1979.
- COHEN, M. Blues in the Green: Ecocriticism under Critique. *Environmental History*, v. 9, n. 1, p.9-36, 2004.
- COUTO, H. H. *Ecolinguística*. Estudo das relações entre língua e meio ambiente. Brasília: Thesaurus, 2007.
- _____. O que vem a ser ecolinguística, afinal? *Cadernos de Linguagem & Sociedade*, v. 14, n. 1, p. 275-313, 2013.
- _____. Linguística ecosistêmica. *ECO-REBEL – Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, v. 01, n. 01, p. 47-81, 2015.
- _____. Linguística ecosistêmica. In: COUTO, H. H. et al. (org.) *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios clássicos e contemporâneos*. Goiânia: Editora da UFG, 2016. p. 209-262.

ECO-REBEL

COUTO, E. K. N. Dez anos de ecolinguística no Brasil: inovações e reinterpretções. In: COUTO, E. K. N. *et al.* (org.). *Linguística Ecolinguística - 10 Anos de Ecolinguística no Brasil*. Campinas-SP: Pontes Editora, 2017. p. 45-64.

DOURADO, Z. Pensando a capoeira dentro do ecossistema cultural: algumas reflexões iniciais. *ECO-REBEL – Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, v. 3, p. 93, 2017.

_____. *Ecossistema cultural: as inter-relações entre língua, corpo e cultura na roda de capoeira*. Brasília: ANS Editor, 2018.

FOX, James J. Models and metaphors: Comparative research in Eastern Indonesia. In: FOX, James J. (ed.) *The Flow of Life: Essays on Eastern Indonesia*. Cambridge: Harvard University Press, 1980. p. 327-333.

_____. *To Speak in Pairs. Essays on the Rituals Languages of Eastern Indonesia*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

_____. Tracing the path, recounting the path: historical perspectives on Timor. In: FOX, James J.; SOARES, Dionisio B. (eds.) *Out of the ashes: destruction and reconstruction of East Timor*. Hindmarsh: Crawford House Publishing, 2000. p.1-29.

_____. Drawing from the past to prepare for the future: responding to the challenges of food security in East Timor. In: COSTA, H. *et al.* (Eds.). *Agriculture: New Directions for a New Nation - East Timor (Timor-Leste)*. Canberra: The Australian National University, 2003. p. 105-114.

_____. Ritual languages, special registers, and speech decorum in Austronesian languages. In: ADELAAR, K. A.; HIMMELMANN, P. (eds.), *The Austronesian languages of Asia and Madagascar*. Londres: Curzon Press, 2005. p. 87-109.

_____. The Transformation of Progenitor Lines of Origin: Patterns of Precedence in Eastern Indonesia. In: FOX, James J.; SATHER, Clifford. (ed.). *Origins, Ancestry and Alliance. Explorations in Austronesian Ethnography*. Canberra: The Australian National University Press, 1996. p. 133-156.

GIFFORD, T. A ecocrítica na mira da crítica atual. *Terceira Margem*, v. 20, p. 244-261, 2009.

GONZALEZ, S. Pensar rizomaticamente as relações literárias por Timor-Leste. *Plural Pluriel*, n. 19, p. 81-94, 2018.

GOMES, N. S. *A literatura popular de tradição oral, em Timor-Leste: caracterização, recolha e modos de escolarização*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Educação e Psicologia. Universidade do Minho, 2007.

ECO-REBEL

- HAJEK, J. Language planning and the sociolinguistic environment of East Timor: colonial practices and changing language ecologies. *Current Issues in Language Planning*, v. 1, p. 400-413, 2000.
- HAUGEN, E. *The Ecology of Language*. California: Stanford University Press, 1972.
- HULL, G. A Morphological Overview of the Timoric Sprachbund. *Studies in Languages and Cultures of East Timor*, v.4, p.98-205, 2001.
- _____. The Papuan Languages of Timor. *Studies in Languages and Cultures of East Timor*, n.6, p. 23-100, 2004.
- KLINKEN, Catharina van. *A Grammar of the Fehan Dialect of Tetun, an Austronesian Language of West Timor*. Canberra: Pacific Linguistics, 1999.
- _____. *Oral traditions in Tetun Fehan*. Trabalho apresentado *East Nusantara 2º Workshop Questionnaires on Oral Traditions*. 2000.
- MATHIJSSEN, A. *Eenige fabels en volkslegenden van de onderafdeling Beloe op het eiland Timor*. Batavia: Albrecht & Co., 1915.
- MORRIS, C. *Ai knananuk ho ai knanoik nousi Rai Timur: rai nousi lafaek dukur. Verse and legends from Timor the land of the sleeping crocodile, book 1*. Frankston/Victoria: H.C. Morris, 1984.
- NATIONAL BOARD OF STATISTICS. *Timor-Leste Census of Population and Housing 2004*. Priority Tables Editions: National Board of Statistics and the United Nation Fund for Population, 2006.
- ODUM, E. P. *Fundamentals of Ecology*. Philadelphia: W. B. Saunders Company, 1971.
- OLIVEIRA, E. *A nascente literatura de língua portuguesa em Timor-Leste*. São Paulo: Universo Diverso, 2014.
- PAULINO, V.; BORGES, D. Literatura oral e identidade maubere na construção de discursos sobre a formação da nação timorense. *Plural Pluriel*, n. 19, p.113-122, 2018.
- PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. *Relatório do Desenvolvimento Humano de Timor Leste*. Dili: UN Agency House, 2002.
- SÁ, A. B. *Textos em Teto da literatura oral timorense*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1961.
- SERAN, J. B. *Pantun Bahasa Tetun Timor*. Kupang: Penerbit Yayasan Oemata Moris, 1986.

ECO-REBEL

THERIK, G. T. *Wehali, the Female Land: Traditions of a Timorese Ritual Centre*. Canberra: Pandanus Books, 2004.

THOMAZ, L. F. *Babel Loro Sa'e: o problema lingüístico de Timor Leste*. Lisboa: Instituto Camões, 2002.

TRAUBE, E. *Cosmology and Social Life: Ritual Exchange among the Mambai of Timor*. Chicago: The University of Chicago Press, 1986.

Aceito em 05/10/2019.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 5, N. 2, 2019.